

Lição 1: Prefácio de Aristóteles

Várias opiniões anteriores sobre a diferença entre geração e alteração.

3. Neste livro, portanto, o Filósofo primeiro coloca uma introdução, na qual declara sua intenção; em segundo lugar, a executa (L. 3). Na introdução, ele faz três coisas.

Primeiro [1], declara qual é sua intenção principal. E isso está em continuação com o final do livro *Sobre o Céu*, onde havia dito: "Terminamos agora nosso exame do pesado e do leve..." Ele agora acrescenta: "Nossa próxima tarefa é estudar o vir-a-ser e o perecer. De todas as coisas que vêm-a-ser e perecem por natureza", i.e., das coisas que são naturalmente geradas e corrompidas, devemos distinguir as causas desses processos considerados em geral, "atribuindo, a saber, um conjunto de causas para a geração e outro para a corrupção, ou então distinguindo as causas comuns atribuindo-as às espécies particulares das coisas naturalmente geradas e corrompidas, "e estabelecer suas definições", i.e., ou as definições de geração e corrupção ou também das coisas que são naturalmente geradas e corrompidas — pois é preciso conhecer as definições de cada uma, já que a Ciência Natural não considera apenas os movimentos, mas as próprias coisas móveis. Ele diz, "das coisas que vêm-a-ser e perecem por natureza", porque o estudo da geração e corrupção das coisas artificiais não pertence à Ciência Natural.

Em segundo lugar [2], ele promete chegar a conclusões sobre os outros movimentos subsequentes, ou seja, sobre alteração e crescimento, quanto à natureza de ambos.

Em terceiro lugar [3], ele promete resolver a questão da comparação dos mencionados entre si, ou seja, se se deve considerar (ou aceitar) a natureza e noção de alteração e geração como sendo as mesmas, ou "separadas", i.e., distintas, de modo a diferirem em noção e natureza, assim como são "determinadas", i.e., distintas, quanto ao nome.

4. Então [4], ele desenvolve sua proposição.

Primeiro, ele determina sobre geração e corrupção em comum e também sobre os movimentos consequentes; Em segundo lugar, ele determina sobre a geração e corrupção dos elementos. Isso no Livro II.

A primeira parte está dividida em duas:

Na primeira, ele determina sobre geração e corrupção em comum e sobre os outros movimentos consequentes; Na segunda, ele determina sobre certas coisas requeridas para estes (L. 18).

Quanto à primeira, ele faz duas coisas:

Primeiro, ele investiga se a geração difere da alteração. Este era o terceiro dos itens apresentados; no entanto, deve ser discutido primeiro, porque, sendo a diferença que determina uma espécie, a noção apropriada de geração e corrupção não poderia ser conhecida, se isso permanecesse desconhecido;

Em segundo lugar, ele determina sobre geração e movimentos consequentes (L. 3).

Quanto à primeira, ele faz três coisas: Primeiro, ele cita várias opiniões dos antigos sobre a diferença entre geração e corrupção; Em segundo lugar, ele dá uma razão para essas variações, ali em 7;

Em terceiro lugar, ele elucida essa razão em 10.

Ele diz, portanto, primeiro que alguns dos primeiros filósofos disseram que o que é chamado de geração "simples", i.e., absoluta, é o mesmo que alteração, enquanto outros disseram que os dois diferem.

5. Então [5], ele atribui a razão para a diversidade mencionada. Sobre isso, ele faz três coisas. Primeiro, ele explica por que alguns identificaram geração simples e alteração. Pois havia alguns que postulavam existir um princípio material único de todas as coisas — e.g., água, ou ar, ou fogo, ou vapor. Ao mesmo tempo, eles sustentavam que a matéria de uma coisa é toda sua substância. Daí segue-se que a substância de uma coisa sempre persiste. Portanto, a geração não difere, na realidade, da alteração. Nas palavras de Aristóteles: todos que dizem que tudo, i.e., o universo, é um quanto à substância material, e que geram todas as coisas, i.e., causam todas as coisas, a partir de um único princípio material — todos esses devem dizer que a geração é a mesma que a alteração e que é a mesma coisa algo ser feito "principalmente", i.e., absolutamente, e ser alterado.

6. Em segundo lugar [6], ele conta por que outros postularam que a geração difere da alteração. Pois havia certos filósofos que postulavam vários princípios materiais, a partir da associação e desassociação dos quais todas as coisas eram ditas vir a ser e ser destruídas. Nessa doutrina, a associação era chamada de "geração", e a desassociação, "corrupção". Mas a alteração, declaravam, ocorria em termos de qualquer mudança afetando as partes. Assim, Aristóteles diz: todos que postularam mais princípios materiais do que um, como fizeram Empédocles, Anaxágoras, Leucipo e Demócrito — para todos esses parecia que a geração era uma coisa e a alteração, outra.

7. Em terceiro lugar [7], ele abre uma exceção para Anaxágoras, que, segundo Aristóteles, esqueceu suas próprias palavras, como alguém que diz coisas contrárias à sua própria posição. Pois, embora Anaxágoras, como os outros, tenha postulado muitos elementos, ele foi o único a declarar que gerar e corromper é o mesmo que alterar. A razão para essa diferença é que, como se diz na Física I, Anaxágoras ensinava que as coisas vêm a ser por serem abstraídas do composto. No entanto, ele colocou na mistura não apenas elementos, mas também acidentes. Consequentemente, ele atribuiu o mesmo modo de produção aos corpos, que ocorrem por geração e corrupção, e aos acidentes, que pertencem à alteração — de modo que, assim como a carne vem

a ser por ser abstraída [dessa mistura], também a brancura. Portanto, segundo isso, a geração não difere da alteração.

8. Em seguida [8], ele explica o raciocínio mencionado acima. Primeiro, mostrando como alguns pensadores chegaram a postular mais de um princípio; pois, no caso daqueles que postularam apenas um, havia apenas um modo absoluto de as coisas virem a ser;

Em segundo lugar, ele explica por que aqueles que postularam um único princípio negaram uma diferença entre geração e alteração, diferença que os outros admitiam (L.2).

Quanto ao primeiro, ele mostra em que diferiam aqueles que postularam muitos princípios.

Primeiro, ele mostra como Empédocles diferia de todos os outros. E diz que a razão pela qual afirmamos anteriormente que os referidos filósofos postularam várias matérias é que Empédocles postulou os quatro elementos como princípios materiais, a saber, terra, água, ar e fogo. Esses quatro, juntamente com seus motores, a saber, a amizade que combinava e a discórdia que separava, ele diz serem em número de 6. Consequentemente, ele postulou princípios finitos. Mas Anaxágoras, Demócrito e Leucipo postularam princípios infinitos.

9. Em segundo lugar [9], ele mostra como Anaxágoras diferia de Demócrito e Leucipo. Pois Anaxágoras postulou corpos "homeômeros", i.e., corpos com partes semelhantes, como os princípios materiais — por exemplo, partes infinitas de carne, de osso, de medula e de outros tais, cada parte das quais é "sinônima" do todo, i.e., concordando com o todo em nome e noção. Essa teoria foi explicada com mais detalhes por Aristóteles na Física I.

Mas Demócrito e Leucipo sustentavam que todos os corpos sensíveis são compostos de certos corpos indivisíveis, supostos serem infinitos em número e "forma", i.e., figura, pois diziam que alguns eram circulares, alguns quadrados, alguns piramidais, e assim por diante. Mas, ao contrário do que Anaxágoras postulou, eles postularam todos esses como indiferentes em natureza e espécie. No entanto, embora esses princípios sejam indiferentes em natureza e espécie, os corpos sensíveis diferem uns dos outros dependendo das diferentes coisas das quais são compostos. Contudo, isso não ocorre segundo uma diferença na espécie da natureza, mas na posição e ordem — a saber, conforme estes são dispostos de várias maneiras em diferentes corpos segundo anterior e posterior, diante e atrás, acima e abaixo, direita e esquerda.

10. Em terceiro lugar [10], ele mostra como Anaxágoras diferia de Empédocles, e diz que eles parecem contradizer-se um ao outro. Pois Empédocles declarou que fogo, terra, ar e água são os quatro elementos, e que são mais simples que a carne, o osso e tais corpos "homeômeros", i.e., corpos de partes semelhantes. A razão era que ele postulava que as coisas vêm a ser a partir da reunião dos elementos; portanto, chamou de "elementos" os corpos que se reuniam para formar outros corpos.

Anaxágoras, por outro lado, postulou o osso, a carne e corpos semelhantes como os mais simples, e os elementos, a saber, terra, água, ar e fogo, como compostos. Sua razão era que ele sustentava que as coisas vêm a ser por meio da separação de uma mistura. Portanto, como ele via que todos os outros corpos são gerados a partir do ar, da água, da terra e do fogo, acreditava que havia nesses quatro corpos uma mistura máxima, de modo que todos os outros corpos poderiam ser

extraídos deles. Assim, ele [Aristóteles] acrescenta que chamou esses quatro corpos de "panspermia", i.e., as sementes universais de todos os outros corpos, no sentido de que esses quatro eram uma mistura das sementes de todos os outros corpos.

Revision #2

Created 3 October 2026 21:37:27 by Admin

Updated 3 October 2026 21:47:25 by Admin